



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE PORTO NACIONAL
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

PAULO RICARDO VIEIRA ROCHA

**ENTRE HISTÓRIAS:
OS LUGARES DE MEMÓRIA SOBRE AGRICULTURA DA COMUNIDADE
RURAL DE BARRINHA, EM SÃO FÉLIX DO TOCANTINS**

Porto Nacional/TO
2022

PAULO RICARDO VIEIRA ROCHA

**ENTRE HISTÓRIAS:
OS LUGARES DE MEMÓRIA SOBRE AGRICULTURA DA COMUNIDADE
RURAL DE BARRINHA, EM SÃO FÉLIX DO TOCANTINS**

Artigo elaborado e apresentado junto à UFT
– Universidade Federal do Tocantins –
Campus Universitário de Porto Nacional,
Curso de História, para obtenção do título de
licenciatura em História. Orientador:
Prof. Dr. Ariel Elias do Nascimento

Porto Nacional/TO
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- R672e ROCHA, Paulo Ricardo Vieira .
Entre Histórias : Os lugares de memórias sobre agricultura da comunidade rural de Barrinha em São Félix do Tocantins . / Paulo Ricardo Vieira ROCHA .
– Porto Nacional, TO, 2022.
34 f.
- Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de História, 2022.
Orientador: Ariel Elias Do Nascimento
1. Memória. 2. Lugares de Memória. 3. História . 4. Identidade. I. Título

CDD 901

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

PAULO RICARDO VIEIRA ROCHA

ENTRE HISTÓRIAS:
OS LUGARES DE MEMÓRIA SOBRE AGRICULTURA DA COMUNIDADE
RURAL DE BARRINHA, EM SÃO FÉLIX DO TOCANTINS

Artigo elaborado e apresentado junto à UFT
– Universidade Federal do Tocantins –
Campus Universitário de Porto Nacional,
Curso de História, para obtenção do título de
licenciatura em História. Orientador:
Prof. Dr. Ariel Elias do Nascimento

Data de aprovação: 24/11/2022

Banca Examinadora

Prof. Dr. Ariel Elias do Nascimento (UFT) (Orientador)

Prof.^a Dr.^a Regina Célia Padovan (UFT)

Prof. Dr. Marcelo Gonzalez Brasil Fagundes (UFT)

Porto Nacional/TO
2022

A passagem da memória para história obrigou cada grupo a redefinir sua identidade pela revitalização de sua própria história. “O dever de Memória faz de cada o historiador de si mesmo” (NORA, 2012, p. 17)

Faço a dedicação dessa pesquisa primeiramente a Deus, aos meus pais, Pedro e Raquel pelo incentivo e ajuda, ao longo do curso, e toda minha família, em especial aos meus tios que contribuíram para a realização dessa pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pelo dom da vida. Também grandemente a minha Família que me apoiou em todos os momentos na Universidade, com os suportes necessários. Em especial, meus pais, Pedro e Raquel, que desde o início da minha vida não mediram esforços para me ajudar. Sou grato pelo apoio de meus irmãos, Maysa, Luana, Rosana, Solange, Júlia e Lucas.

Faço um agradecimento especial aos meus Tios que me apoiaram de forma muito gratificante contribuindo para que essa pesquisa fosse realizada. Em especial para Domingos, João Batista, Maria de Lurdes, Pedro Veríssimo, Aderson Portilho, Joana, Dominga das graças, Miguel Barrinha, Raimundo, Raquel e todos os moradores da comunidade Barrinha. Agradeço também aos meus colegas de academia, pelos ensinamentos e troca de diálogo. Em especial aos meus amigos (a) Antônia Jamile, Anieli Cristina, Helen Maia, Matheus, Vitória Vinícius, Jefferson Tainara e Biathriz, que ajudaram e muito com seus conhecimentos acadêmicos.

Agradeço em especial ao orientador: Doutor Ariel Elias do Nascimento, grande intelectual da Educação, pelos seus ensinamentos. Sem a sua orientação não teria conseguido realizar esse trabalho. Não poderia deixar de agradecer também aos professores (a) do Curso de História da UFT do Campus de Porto Nacional-TO. Em especial Regina Padovan, Rodrigo Poreli, Marcelo Gonzalez, Benvinda, Êça Pereira, Ângela e Ariel que contribuíram de forma direta e indireta para que a minha formação fosse completa.

Faço um agradecimento especial, *in memoriam*, à professora Juliana Ricarte Ferraro, que contribuiu muito para minha formação: Deixando uma marca forte em minha memória. Me faz lembrar que em uma das suas aulas de didática, me indicou o professor Doutor Ariel Elias do Nascimento para iniciar uma pesquisa de PIBIC e que ao passar do tempo se tornou o meu tema do TCC.

Por fim, agradeço imensamente a todos que contribuíram para a minha formação acadêmica

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo compreender as práticas e saberes sobre agricultura que foram desenvolvidos ao longo da criação da comunidade de Barrinha, formada por pequenos agricultores rurais, localizada na cidade de São Félix do Tocantins, região do Jalapão-TO. A comunidade é rica de memórias e histórias as quais estabelecem vínculos importantes e fundamentais sobre as origens culturais dessa comunidade. Esse trabalho tem como a principal ideia, recuperar as memórias sobre as formas de trabalho com a agricultura utilizadas nas primeiras práticas dos moradores da comunidade Barrinha. Dessa maneira, os objetivos estão direcionados em identificar as maneiras e práticas sociais desenvolvidas nas relações existente dos homens e mulheres no decorrer do tempo histórico. O presente trabalho tem por base a análise bibliográfica, bem como relatos orais as quais buscam compreender as memórias sobre as formas de agriculturas que eram utilizadas nas primeiras práticas desenvolvidas em Barrinha. Tanto a bibliografia teórica quanto as histórias de vida trazem elementos que fundamentam os lugares de memórias, presente nessa comunidade de pequenos agricultores no ano de 2022.

Palavras-chaves: Memória. Lugares de memória. História. Identidade

ABSTRACT

This research aims to understand the practices and knowledge about agriculture that were throughout the creation of the community of Barrinha, formed by small farmers, located in the city of São Félix do Tocantins, region of Jalapão-TO. The community is rich in memories and stories that establish important and fundamental links about the cultural origins of this community. This work has as its main idea, to recover the memories about the ways of working with agriculture used in the first practices of the residents of the Barrinha community. In this way, the objectives are aimed at identifying the ways and social practices developed in the existing relationship between men and women over historical time. The present work is based on a bibliographical analysis, as well as oral reports that allow us to understand the memories about the forms of agriculture that were used in the first practical practices in Barrinha. Both the theoretical bibliography and the life stories bring elements that underlie the places of memories, present in this community of small farmers in the year 2022.

Keywords: Memory. Memory places. History. Identity

LISTA DE TABELA

Tabela 1 - Procedência, Faixa etária e data das entrevistas 23

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 11 |
| 2 CONCEITOS FUNDAMENTAIS: MEMÓRIA, HISTÓRIA, IDENTIDADE | 13 |
| 3 COMUNIDADE E SUAS MEMÓRIAS | 19 |
| 4 MEMÓRIAS DE VELHOS E LUGARES DE MEMÓRIAS..... | 22 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 28 |
| REFERÊNCIAS | 29 |
| ENTREVISTAS..... | 30 |
| APÊNDICE-A CALENDÁRIO AGRÍCOLA SAZONAL | 31 |
| APÊNDICE-B ERVAS MEDICINAIS | 32 |
| APÊNDICE-C CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS | 33 |
| APÊNDICE- D QUESTÕES DAS ENTREVISTAS | 34 |

1 INTRODUÇÃO

Entre diálogos e memórias é possível elaborar ideias variadas sobre temas diversos. Dentre tantos temas possíveis, um que nos chama a atenção é o das memórias de comunidades locais, em especial, a comunidade de Barrinha, a qual será o foco desta pesquisa. Barrinha é uma comunidade de pequenos agricultores rurais localizada na Cidade de São Félix do Tocantins, região do Jalapão, composta por 12 famílias de pequenos agricultores rurais que vivem da agricultura familiar¹.

No limiar do desenvolvimento histórico, percebe-se uma intensa produção de memória. Segundo estudos feitos por Le Goff (2003), Pierre Nora (2012) ou mesmo Maurice Halbwachs (2006), consolidam a interpretação de que as memórias subsidiam não apenas as práticas sociais de uma comunidade, como também a elaboração de ritos culturais como canções religiosas, modos de fazer, produzir e cozinhar, construir ou mesmo ritmos de vida pautados em tempos sincrônicos e diacrônicos.

Esse trabalho tem como norte buscar uma compreensão sobre as práticas e saberes sobre agricultura que foram desenvolvidos ao longo da organização e criação desta comunidade de pequenos agricultores. Esta pesquisa tenta mostrar, através do diálogo entre fontes bibliográficas e fontes orais, que Barrinha é rica de memórias e histórias e todas são importantes e fundamentais para a compreensão de como se estabelecem os fios construtores de uma identidade local, que busca mecanismos de pertencimento em meio aos avanços da modernidade.

Assim, este texto está dividido em três tópicos, a saber: O primeiro, parte das análises dos conceitos de lugares de memória, tendo como referência o historiador francês Pierre Nora (2012) e também dos conceitos de memória; do historiador francês Jacques Le Goff (2003) e Maurice Halbwachs (2006); e também a partir dos textos dos autores que pesquisam o conceito de identidade, tais como Stuart Hall (2015), Homi Bhabha (2003) e Zygmunt Bauman (2005).

O segundo subtópico é titulado como: comunidade e suas memórias, no qual estudamos os conceitos de comunidade a partir de verbetes de dicionários e textos teóricos, a fim de compreender o que é uma comunidade e qual a relação com as memórias. Além disso, a contextualização da comunidade de pequenos agricultores.

¹ Dados recolhidos através da pesquisa e compilados pelo pesquisado

Assim, os autores de verbetes foram: Ferreira (2011), Michaelis (2015) e Rios (2010). O conceito teórico foi pautado na obra Bauman *Comunidade a busca por segurança no mundo atual* (BAUMAN, 2003).

Dessa forma, a terceira parte é nomeada como *Memórias de velhos e lugares de memórias*, tendo como base o conceito de *Memória de velhos*, de Ecléa Bosi, (1994) e também os conceitos de história oral e história local. Logo, analisando para compreensão das memórias sobre as formas de manejo com agricultura e relacionando com as entrevistas realizadas em ambientes virtuais com ²cinco moradores da comunidade. Por fim, tanto a bibliografia teórica quanto as histórias de ³vida trazem elementos que fundamentam os lugares de memórias dessa comunidade de pequenos agricultores. Assim, a partir das memórias as formas e ferramentas de trabalho que eram utilizadas nas primeiras práticas desenvolvidas na comunidade de pequenos agricultores, formam assim, os lugares de memórias.

² Esse quantitativo de moradores são justificados pela quantidade de pessoas mais velhas da comunidade, como é uma comunidade de pequenos agricultores rurais, possui poucos moradores velhos, no entanto, esse quantitativo foi satisfatório para a proposta das pesquisas.

³ As histórias de vidas dos moradores da comunidade foram adquiridas por meio das entrevistas realizadas virtualmente. Segue as perguntas das entrevistas em anexo D. Assim, foi possível as experiências dos moradores de Barrinha.

2 CONCEITOS FUNDAMENTAIS: Memória, História, Identidade

Marc Bloch, um importante historiador francês, fundador da Escola dos Annales, ressalta na obra *Apologia da História ou o ofício do Historiador* (2002), que a História, enquanto ciência, é uma área de conhecimento que tem em sua base teórica compreender a ação do homem no espaço e no tempo. Esta pesquisa busca compreender esta ação espaço-temporal na comunidade de Barrinha e nosso primeiro ponto é desenvolver alguns aportes teóricos sobre memória, história e identidade.

Assim, iniciamos essa pesquisa analisando os conceitos de lugares de memória através de Pierre Nora (NORA, 2012), memórias individuais e coletivas embasados em Maurice Halbwachs (HALBWACHS, 2006) e identidade, tema este pautado em Stuart Hall (HALL, 2015).

No limiar deste desenvolvimento histórico, percebe-se uma intensa produção de memória. Assim, nos estudos feitos por Le Goff (LE GOFF, 2003), Pierre Nora (NORA, 2012) ou mesmo Halbwachs (HALBWACHS, 2006), ambos subsidiam que não apenas as práticas sociais de uma comunidade, como também a elaboração de ritos culturais como canções religiosas, modos de fazer, produzir, cozinhar, construir ou mesmo ritmos de vida pautados em tempos sincrônicos e diacrônicos.

Estes modos de fazer para viver em coletividades, são reconhecidos como bens materiais e imateriais. Por seu turno, as práticas que foram desenvolvidas ao longo da vivência de moradores de uma comunidade deixam rastros no tempo histórico, que acabam dando suporte para a compreensão dos lugares de memória de uma comunidade. Conforme esclarece Pierre Nora:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações (NORA, 2012, p. 19)

Podemos compreender, assim, que a memória é aberta ao diálogo da lembrança e do esquecimento; isto nos leva ao seguinte ponto: entre a memória e o esquecimento, as vidas e suas experiências, sejam elas históricas ou culturais, que expressam as formas de fazer, viver e pensar, são dilatadas no tempo e no espaço, permeando no tempo presente, rememorações pretéritas.

Pierre Nora nos esclarece também que os objetos que foram utilizados para uma determinada prática social e econômica em uma comunidade são importantes para pensar nos lugares de memórias. Dessa maneira, com base no abrangente significado de lugares de memórias, explica Pierre Nora:

Os lugares de memória são primeiramente, lugares em uma tríplice acepção: são lugares materiais onde a memória social se ancora e pode se apreendida pelos sentidos; são funcionais porque têm ou adquirem a função de alicerçar memórias coletivas e são lugares simbólicos onde essa memória coletiva, vale dizer, essa identidade se expressa e se revela. São, portanto, lugares carregados de uma vontade de memória. Longe de ser um produto espontâneo e natural, os lugares de memória são uma construção histórica e o interesse que despertam vem, exatamente, de seu valor como documentos e monumentos reveladores dos processos sociais, dos conflitos, das paixões e dos interesses que, conscientemente ou não, os revestem de uma função icônica. (NORA, 2012, p. 21-22)

Ademais, é possível compreender que os lugares de memórias são espaços físicos, material e imaterial, que são carregados de recordações alicerçadas pelas memórias individuais e coletivas de uma comunidade, cidade ou nação. Dessa maneira, para Nora (1993) os espaços que um grupo cria, organiza, e formula no tempo e no espaço, são lugares possuidores de vivências e experiências:

Os lugares de memória nascem e vivem dos sentimentos que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notar atas”. (NORA, 2012, p. 13)

Estas questões consolidam a ideia de que, para compreender as práticas sociais, culturais, políticas ou econômicas, há que se pensar sobre a história dos lugares e, para tal, a memória é indispensável. Le Goff (LE GOFF, 2003), em seus estudos sobre a memória e a história, nos auxilia na compreensão dos efeitos do passado de um determinado grupo.

As experiências de vida, ou seja, as histórias das pessoas que vivem em coletividades, deixam rastros de vivências, tanto direto ou indiretamente, por meio das memórias se resgata as histórias (LE GOFF, 2003). Nesse contexto, as memórias, tanto individuais, quanto coletivas de um lugar, nos possibilitam a compreensão das ações do passado.

Em vista disso, vale ressaltar o estudo do pioneiro Maurice Halbwachs, *A memória coletiva*. Este autor justifica que, “a memória individual ajuda a preencher lacunas do passado tendo como base a memória coletiva” (HALBWACHS, 2006, p. 71)

Dessa forma, a memória pode ser apresentada de várias maneiras: pelas imagens, objetos, monumentos e patrimônio histórico. Como afirma o autor:

As imagens se fundem tão intimamente com as lembranças, e se elas parecem emprestar a estas sua substância, é que nossa memória não é uma tábula rasa, e que nos sentimos capazes, por nossas próprias forças, de perceber como num espelho turvo, alguns traços e alguns contornos (talvez ilusórios) que nos devolveriam a imagem do passado (HALBWACHS, 2006, p. 28)

Nesse viés, as imagens relacionadas a alguma prática que era desenvolvida no passado podem nos ajudar nas lembranças sobre o que existiam em um lugar, conduzindo à entendimento de que as memórias auxiliam na compreensão do passado. Para Halbwachs é possível pensar que:

Será que não existem lembranças que reaparecem sem que, de alguma maneira, seja possível relacioná-las com um grupo, porque o evento que reproduzem foi percebido por nós enquanto estávamos sós, não em aparência, mas realmente sós, cuja imagem não se desloca no pensamento de nenhum grupo de homens, e que nós recordaremos deslocando-nos para um ponto de vista que não pode ser senão o nosso (HALBWACHS, 2006, p. 37)

Le Goff, ao analisar este diálogo entre história e memória, esclarece que a memória é “o que fica do passado no vivido dos grupos ou o que os grupos fazem do passado” (LE GOFF, 2003, p. 472) Este autor ainda esclarece que memória é:

Propriedade de conservar certas informações, remetemos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 2003, p. 419)

Em vista disso, uma comunidade possui informações que contribui para o entendimento no que se refere do passado. Deste modo, pensar através das memórias é fazer uso das lembranças sobre as experiências de vida. Le Goff explica que:

A memória, por conservar certas informações, contribui para que o passado não seja totalmente esquecido, pois ela acaba por capacitar o homem a atualizar impressões ou informações passadas, fazendo com que a história se eternize na consciência humana (LE GOFF, 2003, p. 387)

Nessa perspectiva, as memórias auxiliam na conservação das informações e ajudam no processo de resgate do passado. Assim, Pierre Nora argumenta que:

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opões uma á outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta á dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações” (NORA, 2012, p. 09)

A princípio, memórias e histórias não são sinônimos, existe uma diferença entre ambas; para Nora, “a memória é a vida, ao passo que a História é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais” (NORA, 2012, p. 09). As histórias são importantes, pois estas sempre problematizam memórias que se constituem como histórias.

Estudar memórias e histórias de uma comunidade é mergulhar profundamente nos conceitos que estão interligados, conforme aponta os estudos de Le Goff (2003). Sendo assim, a identidade é indispensável para os estudos sobre memórias, visto que estas estão em constante relação entre o presente e o passado, conferindo a formação de identidades (2015). Ou seja, as memórias e histórias de uma comunidade constituem a própria identidade do lugar. Segundo Jacques Le Goff, “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual e coletiva” (LE GOFF, 2003, p. 469). Em suma, a memória e a identidade estão intimamente ligadas à história. Nesse mesmo ponto de vista, nos concentramos nas ideias dos autores como Stuart Hall (2015), Homi Bhabha (2003) e Zygmunt Bauman (2005).

Ao longo dos anos, o tema *identidade* foi e continua sendo objeto de pesquisa de muitos autores, e, na contemporaneidade, existem vários conteúdos que apresentam definições e discussões sobre esse assunto. Partindo desta premissa, Stuart Hall em sua obra *identidade cultural na pós-modernidade* (HALL, 2015) apresenta o seguinte argumento: “O próprio conceito com o qual estamos lidando, a identidade é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea” (HALL, 2015, p. 08)

Para ampliar esta compreensão sobre identidade, Stuart Hall esclarece que existem três concepções de identidade, sendo elas: sujeito do iluminismo, sujeito sociológico, e sujeito pós-moderno. Desse modo, é importante compreender que:

O sujeito do iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia primeira vez quando o sujeito nascia (HALL, 2015, p. 10)

Com base nesta análise, Hall explica que, ao longo do período histórico, há uma mudança da concepção de sujeito do iluminismo para sujeito sociológico. Segundo ele:

A Identidade, na perspectiva sociológica, era formada na relação com as outras pessoas”, e ainda, “a Identidade nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas “Identidades culturais” (HALL, 2015, p. 10-11)

Além disso, a percepção sociológica do sujeito, apresentada por Stuart Hall, corresponde ao conceito de sujeito pós-moderno. Segundo o autor, a identidade, na pós-modernidade, é “provisória, variável e problemática” (HALL, 2015, p. 11). Sob essa perspectiva, a mudança dessa concepção de “identidade na modernidade tardia” tem um carácter específico (HALL, 2015, p. 14). Desta maneira, as sociedades modernas são, portanto, fruto de constantes, rápidas e permanentes mudanças que afetam sobretudo suas

estruturas formativas. “Está é a principal distinção entre as sociedades ‘tradicionais’ e as ‘modernas’” (HALL, 2015, p. 14).

Ainda nos argumentos de Stuart Hall, as identidades são e estão multifacetadas, tornando conhecidas por todos, através de veículos de comunicação em massa, denominado como locais da cultura: Assim, “as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz das informações recebidas sobre aquelas próprias práticas, alterando, assim, constitutivamente, seu caráter” (HALL, 2015, p. 37). Outro autor importante para a discussão sobre Identidade é Homi Bhabha, na obra *O local da cultura* (2003), que trata de questões fundamentais sobre “Identidades”, como por exemplo, a importância do olhar além das origens ou dos aspectos originais da Cultura.

Dessa forma, este autor esclarece que o olhar além das origens confere ao caráter identitário quando se pensa na fluidez espaço-temporal por onde os homens trafegam, se esbarram, conversam e constroem suas realidades. Nesta lógica, estamos vivendo num momento de trânsito, onde as identidades produzidas são fruto das complexidades contemporâneas da vida, que o autor denomina como o “além”, o espaço-tempo moderno das identidades. O autor esclarece que:

O “além” não é nem um novo horizonte, nem um abandono do passado... Inícios e fins podem ser os mitos de sustentação dos anos no meio do século, mas, neste *fin de siècle*, encontramos-nos no momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão. Isso porque há uma sensação de desorientação, um distúrbio de direção, no “além”: um movimento exploratório incessante, que o termo francês *au-delà* capta tão bem – aqui e lá, de todos os lados, *fort/da*, para lá e para cá, para a frente e paratrás (BHABHA, 2003, p. 19).

Este “além” impõe novas perspectivas analíticas de se pensar na fluidez das identidades, as quais são forjadas nos espaços sociais. Segundo o autor:

O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses “entre-lugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade (BHABHA, 2003, p. 20).

Para Homi Bhabha, as identidades são forjadas no diálogo de diferentes culturas nos entre-lugares, espaços fronteiros de formação de novas e mutantes identidades. Continua o autor:

Os embates de fronteira acerca da diferença cultural têm tanta possibilidade de serem consensuais quanto conflituosos; podem confundir nossas definições de tradição e modernidade, realinhar as fronteiras habituais entre o público e o privado, o alto e o baixo, assim como desafiar as expectativas normativas de desenvolvimento e progresso (BHABHA, 2003, p. 21).

Nesse sentido, os lugares de memórias possuem culturas e identidades próprias. Contudo, salienta o autor, estes lugares de memórias conferem processos de subjetivação, dando início a novas identidades. Levando em consideração estes argumentos, as identidades são fruto dessas relações com as práticas culturais que uma dada comunidade possui. Para Bhabha: “O imaginário da distância espacial – viver de algum modo além da fronteira de nossos tempos – dá relevo a diferenças sociais, temporais, que interrompem nossa noção conspiratória da contemporaneidade cultural” (BHABHA, 2003, p. 23).

Outro autor que se debruça sobre o tema identidade, é Zygmunt Bauman que é um sociólogo alemão. Assim em entrevista concedida à Benedetto Vecchi (BAUMAN, 2005), nos esclarece o conceito de identidade, chamando atenção para compreendermos que esse conceito não pode mais ser tratada pelos instrumentos tradicionais de entendimento; é importante desenvolver uma reflexão mais adaptada à dinâmica do trânsito da modernidade, na qual é chamado por ele de Modernidade Líquida. “O debate sobre a Identidade é, assim, uma convenção socialmente necessária que é usada com extremo desinteresse no intuito de moldar e dar substância a biografias pouco originais” (BAUMAN, 2005, p. 12).

De acordo com Bauman, à medida que nós nos deparamos com as incertezas e as inseguranças da modernidade líquida, nossas Identidades sociais, culturais, profissionais, religiosas e sexuais sofrem um processo de transformação contínuo. Nesse sentido, ressalta o autor:

Numa sociedade que tornou incertas e transitórias as identidades sociais, culturais e sexuais, qualquer tentativa de “solidificar” o que se tornou líquido por meio de uma política de identidade levaria inevitavelmente o pensamento crítico a um beco sem saída (BAUMAN, 2005, p. 12).

Assim, os Homens, em busca de suas Identidades, se veem invariavelmente diante da tarefa intimidadora de alcançar o impossível. Nesse meio tempo “Essa expressão genérica implica, como se sabe, tarefas que não podem ser realizadas no tempo real, mas serão presumivelmente realizadas na plenitude do tempo na infinidade” (BAUMAN, 2005, p. 17).

No momento em que essas discussões estão acontecendo na contemporaneidade, nos vemos na situação de estudar as memórias, estas constituem a identidade de uma comunidade. Portanto, as comunidades são possuidoras de memórias, sendo estas de pessoas que vivem e viveram no tempo e no espaço, marcadas com as suas vivências e experiências no tempo histórico.

3 COMUNIDADE E SUAS MEMÓRIAS

Para continuar os estudos sobre memórias e histórias que consolida a identidade nos conhecimentos das práticas que foram desenvolvidas durante a criação da comunidade Barrinha, é essencial compreender melhor o conceito de comunidade. Dessa forma, o nosso referencial teórico parte de verbetes de dicionários e textos teóricos. Antes de mais nada, segundo Gil, os dicionários constituem-se como “os principais livros de referência informativa” (GIL, 2002, p. 45).

Em princípio, três foram os dicionários escolhidos para cotejar seus verbetes. Sobretudo, esta triagem partiu do seguinte princípio: fácil acessibilidade virtual e uso nas escolas. Primordialmente, são pontos importantes que conferem a estes dicionários um fator fulcral para o esclarecimento de seus verbetes. Neste sentido, o primeiro dicionário que nos apresenta o conceito comunidade é o clássico (Aurélio Júnior). Segundo o verbete, comunidade significa “o conjunto de pessoas que vivem num mesmo local (estado, cidade, bairro, favela, etc.)” (FERREIRA, 2011, p. 215). Logo é possível compreender que grupo de pessoas, que residem em uma mesma região, é uma comunidade.

A posteriori, um segundo dicionário empregado nesta pesquisa é o dicionário online Michaelis; o conceito de comunidade é compreendido como: “o conjunto de pessoas que vivem numa mesma região, com o mesmo governo, e que partilham as mesmas tradições históricas e/ou culturas” (MICHAELIS, 2015).⁴ Assim, esse verbete nos apresenta o significado de comunidade de uma forma abrangente. Desse modo, é possível perceber que comunidade é um grupo de pessoas que, ao viver em coletividade e em uma mesma região, partilham das mesmas práticas culturais, saberes tradicionais e históricos.

O último dicionário que utilizamos é o dicionário unificado da língua portuguesa. Nele, encontramos a seguinte definição para comunidade: “1 – qualidade do que é comum; 2 – Comunhão; 3 – identidade” (RIOS, 2010, p. 187).

Analisando estes verbetes, o significado de comunidade nos apresenta alguns conceitos importantes, como identidade, comunhão, qualidade do que é comum. Percebe-

⁴ Michaelis é o Moderno Dicionário da Língua Portuguesa, a equipe de lexicografia da Editora Melhoramentos começou a trabalhar na ampliação da obra. Em 2015, quase 15 anos e meio depois, o trabalho ficou pronto. Totalmente revisto, atualizado e ampliado, o novo dicionário recebeu o nome **Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**, e está disponível para consulta apenas em formato digital.

Se, então, que os grupos que vivem e compartilham o mesmo lugar, partilhando das mesmas práticas culturais, sociais, históricas e econômicas, estas mesmas constituem a identidade dessa comunidade.

Após apresentação dos conceitos por meio dos verbetes, entende-se que o significado de comunidade é abrangente, e que envolve o grupo e sua identidade, ampliando a qualidade do que é comum, o conjunto de pessoas que vivem em uma mesma região, constituindo as suas identidades. Sobre este tema, encontramos as seguintes reflexões do teórico Zygmunt Bauman, publicadas na obra *Comunidade a busca por segurança no mundo atual* (BAUMAN, 2003). Segundo o autor, o conceito “sugere uma coisa boa: o que quer que ‘comunidade’ signifique, é bom ter uma comunidade, “estar numa comunidade” (BAUMAN, 2003, p. 07).

Não raro perceber que a comunidade nos faz pensar em uma vida em coletividade, onde há uma partilha das mesmas culturas, dos mesmos saberes, das linguagens, das experiências, das religiosidades e de todos os aspectos que acontecem em um grupo. Assim, essas vivências nos trazem muitas experiências, que as vezes são guardadas em nossas memórias. Para Bauman, viver fora da comunidade pode trazer alguns desconfortos: “as companhias ou a sociedade podem ser más; mas não a comunidade. Comunidade, sentimos, é sempre uma coisa boa” (BAUMAN, 2003, p. 07).

Ampliando a análise de Bauman, viver fora da comunidade pode ser ruim, mas viver em coletividade é sempre significativo em várias perspectivas, ou seja, na alimentação, nas atividades do dia a dia e nas outras funções. Dessa maneira, ao analisar a introdução dessa obra é possível perceber que o conceito de comunidade, remete muito a uma vivência em coletividade, a partilha de todos os saberes e práticas desenvolvidas nesse ambiente. Isso nos leva um ponto central, os saberes que um grupo que vive em uma comunidade são partilhados entre si, e deixam rastro no tempo histórico, fazendo com que essas práticas acarretem experiências que fundamentam os lugares de memórias de uma comunidade.

Entre os diálogos sobre as memórias e experiências de uma comunidade, é possível pensar nos aspectos dos saberes e as práticas que as vivências produzem. Isto significa dizer que há vários grupos que vivem em coletividades, cada um tem sua forma de organização, seus ritos, religiosidades, culturas, musicalidades e vários outros aspectos. Desse modo, temos as comunidades ribeirinhas, quilombolas, indígenas e muitas outras, que se organizam em diferentes formas econômicas, como pequenos, médios ou grandes agricultores, por exemplo. A comunidade de pequenos agricultores

rurais que sustenta esta pesquisa é nomeada de Barrinha. Em entrevista, nos foi relatado o seguinte:

Essa comunidade é chamada de Barrinha, pois fica localizada no desaguar de dois brejos. Um possui o nome de Baixão e outro de Miguel. Assim o nome de Barrinha é porque os brejos são pequenos (J.B.P.R., 10/10/2022).

Segundo nos foi esclarecido nas entrevistas, Barrinha foi pensado e colocado em uso pelos pais dos entrevistados. Esta comunidade rural está localizada no município de São Félix do Tocantins, região do Jalapão, apresentando latitude 10°10'06'' sul e longitude de 46°39'34'' oeste, estando a uma altitude de zero metros do nível do mar e possui uma extensão aproximada de 200 alqueires (CIDADE-BRASIL, 2022).

Registra-se um clima tropical quente semiúmido e os acessos a esta comunidade podem ser pela TO-10 ou pela TO-30, que ligam a capital Palmas à cidade de São Félix do Tocantins, num percurso aproximado de 250 quilômetros, numa viagem que demora entre 5 a 7 horas, a depender do transporte (CLIMA ON LINE, 2008).

Esta comunidade é composta por 12 famílias de pequenos agricultores rurais que vivem da agricultura familiar, totalizando um número aproximado de 40 pessoas⁵.

⁵ Dados levantados pela pesquisa em curso.

4 MEMÓRIAS DE VELHOS E LUGARES DE MEMÓRIAS

A metodologia que fundamenta esta parte da pesquisa está pautada na história de vida ou relatos de experiência, temas fundamentais para se encontrar os lugares memoriais de um passado não muito distante.

Algumas linhas são necessárias para explicar a importância desta metodologia. Antes de mais nada, é importante compreender o conceito de história oral. Para César Augusto (2011), esse conceito é imprescindível para o entendimento das histórias locais de uma comunidade em uma região. Assim, “O trabalho do historiador faz-se sempre a partir de alguma fonte” (POLLAK, 1989, p. 08). Dessa forma, a história oral é uma metodologia de pesquisa que leva a uma fonte. Portanto, segundo o professor César Augusto: A história oral é um método de abordagem utilizado para pesquisar aspectos peculiares da vida cotidiana. “Sempre utilizado desde as primeiras décadas do século XX, é uma excelente forma de construir a história regional e local e nos auxilia a fazer uso direto da memória” (JUNGBLUT, 2011, p. 91).

Logo, a história oral nos possibilita, no ato de ouvir as histórias de pessoas mais velhas e compreender as vivências e experiências no tempo histórico, assim chegamos ao entendimento das histórias dos lugares. Ao mesmo tempo, para César Augusto, história oral é utilizada no trabalho com comunidades, bairros e grupos de vizinhança porque, além de possibilitar o registro de suas memórias, permite o processo de revalorização dos idosos através de um importante papel na reconstrução do passado (JUNGBLUT, 2011, p. 91).

Nesses aspectos, a metodologia da história oral é compreendida como uma alternativa de estudar uma sociedade que não possui muitos registros escritos da sua própria história. Nesse meio tempo, os moradores mais velhos que viveram nesses locais, contam as suas experiências de vivências ao longo da vida. Em princípio, conforme nos ensina José Carlos Meihy: “História oral é uma alternativa para estudar a sociedade por meio de uma documentação feita com o uso de depoimentos gravados em aparelhos eletrônicos e transformados em textos escritos” (MEIHY, 1998, p. 18).

Em suma, fazer um estudo sobre aspectos de uma comunidade é importante para história local. Assim, “o estudo da história local e do cotidiano faz com que nos percebamos como parte integrante da História, por meio das nossas vivências pessoais e também com a nossa comunidade” (VIANA, 2016, p. 13).

Visto que a comunidade Barrinha possui moradores que desenvolveram suas práticas e saberes locais ao longo dessa comunidade, as pessoas idosas são importantes para o resgate dessas histórias. Para melhor compreender estas memórias individuais e coletivas, utilizaremos as análises da pesquisadora Ecléa Bosi:

De um lado o corpo guarda esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre as coisas: trata-se da memória hábito, memória dos mecanismos motores. De outro lado, ocorrem lembranças independentes de quaisquer hábitos: lembranças isoladas, singulares, que constituíram autênticas ressurreições do passado (BOSI, 1994, p. 48).

As memórias dos velhos são de extrema importância para a compreensão do passado, pois nelas é possível perceber as histórias de vivências em um lugar. Bosi ressalta que, ao estudar as memórias dos velhos, é possível pensar que as interpretações do passado no futuro podem ter novas inquietações. Nesse sentido, o estudo das memórias dos moradores de um local, nos possibilita na recuperação das experiências no tempo histórico e na comunidade na qual pertenciam, sendo importante para a fundamentação dos lugares de memórias de uma comunidade. (NORA, 2012)

Assim, dialogando Pierre Nora com Ecléa Bosi, a oralidade é uma ferramenta de estudo, que nos possibilita recuperar e entender os lugares de memória. Desta maneira, utilizamos da oralidade para compreender as memórias dos moradores que possivelmente fundamentam os lugares de memórias e a identidade da comunidade de Barrinha. Para tanto, entrevistamos cinco moradores e o critério de seleção utilizado foi a idade (considerou-se a idade mínima 55 anos).

Tabela 1 - Procedência, Faixa etária e data das entrevistas

| NOME | IDADE | DATA DA ENTREVISTA | NATURAL DE |
|-----------------|--------------|---------------------------|-------------------|
| A.P.G. | 69 anos | 16/10/2022 | GO |
| D.P.R. | 70 anos | 10/10/2022 | GO |
| J.B.P.R. | 61 anos | 26/09/2022 | GO |
| M.L.P.R. | 58 anos | 11/10/2022 | GO |
| J.C.R. | 61 anos | 27/09/2022 | GO |

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

⁶Para a compreensão das práticas e saberes que os moradores de Barrinha possuem em suas memórias, a primeira pergunta foi pautada na tentativa de compreender como os

⁶ Essa tabela torna claro os nomes fictícios, afim de preservarmos os nomes de cada entrevistado, mantendo apenas suas iniciais. Com efeito, esses foram os cinco moradores entrevistados na comunidade de Barrinha.

moradores viviam em comunidade realizando as suas ações no tempo histórico. Com base nas análises das entrevistas realizadas aos moradores, percebe-se que para a sobrevivência em comunidade, era preciso que todos os moradores se envolvessem em um trabalho coletivo.

Os entrevistados relatam que as principais plantações desenvolvidas na comunidade tinham por base: milho, feijão, arroz, e cana de açúcar. De tal forma que estes plantios eram os principais meios para alimentação dos moradores da comunidade, conforme nos é apresentado pelas memórias de um dos entrevistados:

No início, lá no tempo da criação do lugar, as pessoas viviam da atividade agrícola, e ai eles se mantinha, com o que produzia aqui mesmo, naqueles tempos as pessoas, a produção agrícola de ponta era o arroz, mas ai produzia tudo, milho, feijão, mandioca, essas coisas, da lavoura mesmo, coisas rudimentar, produzido no serviço manual, era o braçal mesmo (A.P.G., 16/10/2022).

Relato como este são compartilhados por todos os moradores desta comunidade, de forma que podemos considerar que as memórias sobre as práticas e plantações e as formas pelas quais estas mesmas eram desenvolvidas na comunidade se tornam espaços de memória, tanto individual quanto coletiva. Para o autor, estas são fundamentais para o trabalho com memórias em uma comunidade. As memórias se cruzam e os relatos começam a se tornar permeáveis:

As formas de plantações que os moradores desenvolviam na comunidade, no período da criação era tudo manual, não se tinha máquina naquele tempo, eram plantados na ferramenta rudimentar, que uma dela era enxada e não tinha maquinas era com a ajuda das pessoas para realização dos plantios (D.P.R., 10/10/2022).

Outros moradores entrevistados afirmaram que na época da criação da comunidade, aproximadamente na segunda metade do século XX, a situação era precária e o acesso aos serviços bem mais escasso, dificultando muito a vida dos moradores, de forma que as práticas do trabalho manual, única forma de subsistência, eram transmitidas de pais para filhos.

Sobre o tema, afirma Halbwachs:

Memória de um grupo se destacam as lembranças dos acontecimentos e das experiências que concernem ao maior número de seus membros e que resultam quer de sua própria vida, quer de suas relações com os grupos mais próximos, mais frequentemente em contato com ele (HALBWACHS, 2006, p. 46).

Assim, percebe-se uma contribuição das memórias coletivas para a compreensão dos saberes que são passados de geração a geração e que ficam vivos nas memórias dos moradores mais velhos de um local. Assim, Bosi nos esclarece que; “O passado conserva-

se e, além de conservar-se, atua no presente, mas não de forma homogênea (BOSI, 1994, p. 48).

Na tentativa de melhor compreender as práticas sobre o plantio, colheita ou mesmo as ferramentas usadas, nos deparamos com o seguinte registro:

Sobre as ferramentas os instrumentos, de preparo de solo, plantios aqui era mesmo feito manual, era no braçal, era na enxada, enxadão enxada era para capinar, o enxadão era para rancar toco, mais tudo manual, não tinha arado, ou seja grade não tinha, porque tem o arado as vezes é puxado a boi mais também tem o arado mecânico nada disso existia naquela época, né e as vezes enxada e enxadão, essas coisas enxadeco, qualquer um deles é um só, agora esses era comprado na cidade, não tinha quem fabricasse por aqui não, o preparo do solo era através de machado para derrubar as árvores para limpar o terreno, não tinha motosserra naquela época, né era tudo assim, tudo braçal tudo manual mesmo (A.P.G., 16/10/2022).

Com base na entrevista realizada com o morador, os instrumentos que eram utilizados para a realização das atividades agrícolas dessa comunidade eram ferramentas manuais. Outros relatam ainda que este serviço era compartilhado com o arado e a limpeza do terreno. Um dos entrevistados relatou alguns pormenores sobre o plantio da cana-de-açúcar:

Esse procedimento do plantio das canas, a gente tinha que cortar a cana e tirar o olho dela, colocar na água para ele começar a germinar, aí tínhamos que roçar uma terra boa, coveiar ela, fazer o rego, chamado rego, o rego na média 5 centímetro de fundura e plantar aquele olhos que tinha começado a germinar (D.P.R., 10/10/2022).

Um outro morador relata esta mesma memória sobre o plantio da cana-de-açúcar, conferindo assim, as formas de plantar como um lugar de memória desta comunidade: “o primeiro passo era fazer a abertura de regos e depois deixava até quinze dias, em seguida eram plantados” (M.L.P.R., 11/10/2022).

Buscando maiores informações sobre o plantio da cana-de-açúcar, recuperou-se do passado a informação de que na comunidade havia uma fábrica de rapadura:

Aqui na Barrinha tinha um engenho de fabricação de rapadura ele era organizado, era coberto numa casa redonda feito em cima do engenho e o boi trabalhava debaixo né, era bem organizado aqui na Barrinha (A.P.G., 16/10/2022).

Após a afirmação sobre a existência de uma fábrica de rapadura, tentou-se recuperar, pelas entrevistas, informações sobre o local e o processo de construção. Conforme relata um dos moradores:

O engenho o preparo dele foi machado, enxó tinha um esporão de ferro para puxar aquele torra de pau nuns paus enfiados parecendo assim um negócio de uma roseta, puxando aquele esporão para rapar o pau, aí consegui fazer o engenho, naquele ponto aonde foi assentado o engenho, ali foi feito um chapéu de palha, muito bom, bem feito, pensa em um chapéu bem feito (D.P.R., 10/10/2022).

Por meio das memórias, as histórias de vida vão se constituindo e as vivências e os trabalhos dos moradores da comunidade de Barrinha se tornam materializadas em escritas.

Os moradores relataram um pouco das suas memórias sobre as formas de trabalho no início da comunidade. Nesse viés, um dos moradores explica sobre a função do engenho e faz memória ao tempo da criação. Assim argumentar que:

engenho de cana era para moer, as canas eram carregadas no carro de boi o carro de boi cantava, era 4 boi na frente do carro era muito bonito aquela cantiga daquele carro naquele tempo era uma coisa que a gente ficava satisfeita a gente chegava com a cana, né fizemos um chapéu de palha por cima muito bonito o chapéu de palha era muito bom, aí moía até meio dia, porque era o melhor horário para moer, a sombra era muito boa a gente tirava 7- 8 taxada por dia tinha um dia né não era todos os dias que se fazia essa quantidade e fabricava até uma carga de rapadura por dia (J.B.P.R., 10/10/2022).

Dessa maneira, a entrevistada J.C.R nos apresenta que:

O engenho era feiro de madeira jatobá, e onde tem o engenho hoje tinha um chapéu de palha tinha alí onde botava a gamela e também onde colocava a rapadura a fornalha era quente, era um cheirão mais bom, ainda hoje eu lembro. (J.C.R, 27/09/2022).

Após as análises das outras entrevistas, o que fica do passado nos vividos dos grupos, são experiências evocadas pela lembrança. Assim, tanto as lembranças, quanto as experiências que os moradores tiveram com o domínio do arado, relembrando as principais atividades agrícolas e as formas de trabalhos desenvolvidos na comunidade são as memórias sobre o período passado. Desse modo, essas lembranças são fundamentais para se pensar nas práticas e atividades que eram desenvolvidas nessa comunidade e que estas mesmas fundamentam os lugares de memórias de Barrinha.

Para Nora (2006) um lugar pode ser carregado de memória, seja material ou imaterial. De acordo com Nora, “a memória é vivida do interior, mais ela tem necessidade de suportes exteriores e de referências tangíveis de uma existência que só vive através delas” (NORA, 2012, p. 14). Após as análises minuciosas das entrevistas, percebemos que a comunidade é carregada de histórias e memórias sobre as práticas que eram desenvolvidas. Nesse sentido afirma esse autor que: “a necessidade de memória é uma necessidade da história (NORA, 2012, p. 14). Assim, há um significado importante sobre os lugares de memórias, com base em Nora:

Os lugares de memória pertencem a dois domínios, que a torna interessante, mas também complexa: simples e ambíguos, naturais e artificiais, imediatamente oferecidos á mais sensível experiência e, ao mesmo tempo, sobressaindo da mais abstrata elaboração (NORA, 2012, p. 21).

Em outra parte deste mesmo texto, esclarece o autor:

E se em compreensão, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de

memória. (...) são lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, matéria, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos (NORA, 2012, p. 13-22).

Portanto, após a análise do texto de Nora é possível compreender que os lugares de memórias são de vários significados. Dessa maneira, este autor argumenta da seguinte forma:

Mesmo um minuto de silêncio, que parece o extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança. Os três aspectos coexistem sempre. Trata-se de um lugar de memória tão abstrato quanto a noção de geração (NORA, 2012, p. 21-22).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após análises teóricas e das histórias de vida realizadas com os moradores da comunidade Barrinha em São Félix do Tocantins, é possível que façamos algumas pontuações importantes. Primeiramente as questões teóricas estudadas nesse trabalho, foram a base para toda a sustentação dos estudos sobre memórias, história, comunidade e identidade e para fundamentação dos Lugares de Memórias dessa Comunidade Barrinha.

Após esse estudo, é possível perceber que esse pequeno regaste das histórias de vida dos moradores de Barrinha, fortalece não só as histórias locais, como também identidade da comunidade. Assim, a partir dessa pesquisa as memórias de Barrinha vão sendo escritas. Dessa maneira, é importante compreender que as histórias de vida das pessoas mais velhas de uma comunidade nos auxiliam na compreensão não só das histórias, como também das formas de viver em uma localidade, demonstrando as experiências de trabalhos que foram desenvolvidas no tempo histórico.

Tendo por base o conceito de Lugares de Memórias estabelecido pelo pesquisador Pierre Nora, é possível compreender que no decorrer do tempo histórico ocorrem as experiências e saberes que fundamentam os lugares de memórias de uma comunidade. Neste sentido, e corroborando com os argumentos de Pierre Nora, os moradores buscaram em suas memórias as principais práticas que marcaram as vivências no início da comunidade e que estão vivas nas memórias dos moradores de Barrinha percebemos que a comunidade é um lugar carregado de memória.

Com base nas entrevistas realizadas com os moradores foi possível perceber que existiram várias formas específicas de trabalho com a agricultura na comunidade. Assim, ao resgatar essas histórias sobre a forma de trabalho com a agricultura desenvolvidas pelos moradores de Barrinha é resgatar a própria identidade da comunidade. Assim sendo, a identidade é um elemento importante nos estudos sobre memórias. Na obra *Identidade Cultural na pós Modernidade*, Stuart Hall em síntese afirma que na pós modernidade há uma crise de identidade, e as identidades formadas são fruto da complexidade contemporânea. Hall (2015). Estas transformações, pontuadas por Stuart Hall, podem ser verificadas na comunidade Barrinha, onde há uma mudança muito rápida nas formas e práticas que são desenvolvidas em uma comunidade.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Tradução de Plínio Dentzein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2003. (Coleção Humanitas).
- BLOCH, M. **Apologia da História**: ou o ofício do historiador. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CIDADE-BRASIL. Município de São Félix do Tocantins. **Cidade-Brasil**, 2022. Disponível em: <<https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-sao-felix-do-tocantins.html>>. Acesso em: 14 novembro 2022.
- CLIMA ON LINE. São Félix do Tocantins. **Clima on Line**, 2008. Disponível em: <<https://climaonline.com.br/sao-felix-do-tocantins-to/historia-da-cidade>>. Acesso em: 25 setembro 2022.
- FERREIRA, A. B. D. H. **Aurélio Júnior**: dicionário escolar da língua portuguesa. 2ª. ed. Curitiba: Positivo, 2011. ISBN 978-85-385-4735-8.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu Silva e Guacira Lopes Louro. 12ª. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- JUNGBLUT, C. A. **História regional**. Indaial: Unisselvi, 2011.
- LE GOFF, J. **História e memória**. 5ª. ed. Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2003.
- MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. 2ª. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- MICHAELIS. Comunidade. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**, 2015. ISSN 978-85-06-04024-9. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/comunidade/>>. Acesso em: 20 maio 2022.
- NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, out 2012. ISSN 2176-2767. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101/8763>>. Acesso em: 30 mar 2022.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. Tradução de Dora Rocha Flaksman. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, jun 1989. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>>. Acesso em: 25 maio 2022.

RIOS, D. R. **Grande dicionário unificado da língua portuguesa**. São Paulo: Editora DCI, 2010. ISBN 978-85-368-0699-0.

VIANA, J. I. B. **História local**. Sobral: Editora do Instituto Superior de Teologia Aplicada, 2016.

Entrevistas

A.P.G. **Entrevista**. Comunidade de Barrinha: Gravação por meio eletrônico, 16/10/2022.

D.P.R. **Entrevista**. Comunidade de Barrinha: Gravação por meio eletrônico, 10/10/2022.

J.B.P.R. **Entrevista**. Comunidade Barrinha: Gravação por meio eletrônico, 10/10/2022

J.C.R. **Entrevista**. Comunidade de Barrinha: Gravação por meio eletrônico, 27/09/2022

M.L.P.R. **Entrevista**. Comunidade Barrinha: Gravação por meio eletrônico, 11/10/2022.

APÊNDICE-A CALENDÁRIO AGRÍCOLA SAZONAL

| Plantação | J | F | M | A | M | J | J | A | S | O | N | D |
|------------------|---|----|---|---|---|---|---|------|------|------|----|---|
| Arroz | | | C | C | | | R | L/PT | | L/PT | P | P |
| Algodão | L | | | | | | C | | R/PT | | P | P |
| Cana-de-açúcar | | | | | | | L | C | R/PT | | P | P |
| Feijão | L/P | | | C | C | | | R | | | PT | P |
| Mandioca | L | L | L | | | C | | | R/PT | | P | P |
| Batata | Ano todo | | | | | | | | | | | |
| Abóbora | Ano todo | | | | | | | | | | | |
| Milho | L | PT | C | | | | | | | R | | |
| Gergelim | L | PT | | C | | | | | R | | | |
| Banana | Ano todo | | | | | | | | | | | |
| Melancia | Ano todo | | | | | | | | | | | |
| Legenda | L= Limpar/ P= Plantar/C=Colher/ R=Roçar/ PT=Preparar a Terra | | | | | | | | | | | |

(Fonte: elaborado pelo autor)

APÊNDICE-B ERVAS MEDICINAIS

| Ervas e Raízes | Tratamentos |
|-----------------------|---|
| Folha de ata | Dor de barriga |
| Gervão | Estômago e dor de barriga |
| Barbatimão | Para gripe |
| Folha de Acerola | Para gripe e dor de barriga |
| Folha de algodão | Para ferimento |
| São Caetano | Para Gripe |
| Fedegoso | Para estômago e gripe |
| Pau d' olho | Controle da prostra |
| Folha de Abacate | Rins |
| Arnica | Para gripe |
| Folha de Carne | Depurativo do sangue |
| Picão | Para dor no corpo |
| Erva Cidreira | Estômago |
| Tatarema | Para estômago |
| Casca do pau de Terra | Para diarreia |
| Folha de mangabeira | Para gastrite e estômago |
| Hortelã | Para gripe |
| Limão | Para diarreia |
| Vim de caju | Diarreia |
| Vim de Jenipapo | Diarreia |
| Folha de Boldo | Estômago |
| Romã | Infeção de Garganta e gripe e ferimento |
| Aroeira | Ferimento e dores no corpo |
| Folha de Tomate | Pneumonia |
| Melancia da praia | Pneumonia |
| Folha de Bureré | Afinar o sangue |

(Fonte: elaborado pelo autor)

APÊNDICE-C CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS

Eu, _____
_____, documento de identidade _____, CPF _____
declaro para os devidos fins que concedi por livre e espontânea vontade, a publicitação de minha participação na pesquisa de TCC, titulada como: **Entre Histórias: Os Lugares de Memória sobre Agricultura da comunidade rural de Barrinha, em São Félix do Tocantins**. Trabalho de conclusão de Curso Licenciatura em História, desenvolvido no Campus de Porto Nacional pelo Discente **Paulo Ricardo Vieira Rocha** Matrícula *01911137*, diante de minhas declarações concedo os direitos autorais de minha exposição gravada nos meses de Setembro e Outubro de 2022, assim como concedo o uso gratuito de documentos sonoros, visuais ou audiovisuais e escritos, podendo a pesquisa usá-las integralmente ou em parte, sem restrições de prazos ou citações para os seguintes objetivos:

Identificar as práticas e saberes desenvolvidos na comunidade de Pequenos Agricultores rurais no Jalapão.

Reconhecer a identidade através das memórias individuais e coletivas da comunidade.

Analisar as histórias de vida e experiências dos moradores nos desenvolvimentos das suas vivências em comunidade.

Abdicando desta forma de requerer possíveis direitos autorais, meus e de meus descendentes quanto ao objeto dessa Carta de Cessão, subscrevo a presente.

São Félix do Tocantins, _____

Assinatura do declarante

CPF _____

APÊNDICE- D QUESTÕES DAS ENTREVISTAS

QUESTÕES NORTEADORAS DAS ENTREVISTAS REALIZADAS EM AMBIENTES VIRTUAIS NOS MESES DE SETEMBRO E OUTUBRO DE 2022

Público-alvo: Moradores da comunidade Barrinha em são Félix do Tocantins
(JALAPÃO)

1. Como era desenvolvidos os primeiros plantios na comunidade? O que mais vem a memória sobre esses plantios?
2. Como era desenvolvidas as formas de plantios? Existiam quais tipos de ferramentas? O que mais vocês lembram sobre essas práticas?
3. Quais eram os principais alimentos da comunidade? O que mais vem na memória sobre os principais alimentos?
4. Como era as formas de trabalho? O que mais vem na memória?
5. O que vocês lembram sobre as formas de trabalhos e experiências durante a criação da comunidade?